

Medos Infantis numa Visão Psicopedagógica

ODETE SILVA DE AMORIM

RESUMO

Este trabalho não tem a pretensão de lançar uma nova teoria sobre “medos infantis”, mas elucidar, de maneira simples, aspectos necessários ao conhecimento do tema, para educadores, pais e profissionais nas áreas pedagógica, psicológica e psicopedagógica. Para muitos, “medo” é um estado mental passageiro que implica em tomar conhecimento de algo desagradável, perturbador, perigoso, podendo refletir-se em aspectos voluntários e involuntários do comportamento humano. Deve-se, entretanto, ressaltar que outros aspectos mais eloqüentes surgem quanto aos medos infantis. Outrossim, embora vários autores tenham o mesmo objetivo para o tema, o ponto de partida para cada um será diferente, e diversas serão também as circunstâncias enfrentadas. Contudo, não há milagre que faça a criança perder o medo, na verdade isso depende única e exclusivamente de cada um de nós. Através de questionamentos, trabalhos e, principalmente, afeição, a cada medo encontrado consegue-se evitar que o problema perdure por toda a vida. Família a escola deve-

rão ter o objetivo comum: preparar a criança para vencer o medo. Somando, portanto, dedicação e estudo, “Medos infantis - numa visão psicopedagógica”, tem a intenção de demonstrar, integralmente, um certo conhecimento dos métodos empregados nesse terreno, ou seja, como se descobrem os fatos. Há uma considerável atenção aos planos de pesquisa a investigação dos fenômenos do medo. E, conseqüentemente, o desejo de estimular a outros estudantes a exploração sistemática das complexidades do medo infantil.

1. INTRODUÇÃO

O estudo sobre o medo é essencial, porque não se pode pensar em alguém que não tenha ou já teve algum tipo de medo.

O medo surge como característica em quase todas as perturbações psíquicas, aparecendo de forma manifesta ou latente, porém é, também, comum no desenvolvimento normal de uma criança.

O que claramente desejamos é encontrar algo que nos diga o que é realmente o medo,

algum critério que nos permita distinguir dos falsos os verdadeiros enunciados a respeito dele. Mas isto não é fácil de conseguir. O medo não é um assunto tão simples. Até onde chegamos, existem pontos de vista contraditórios sobre ele; nenhum dos quais pode, diante de uma opinião destituída de preconceito, ter preferência sobre os outros.

Segundo Natch (1967), “toda a vida psíquica da criança depende da forma como ela convive com seus medos”. O medo tem, assim, funções e implicações no desenvolvimento da criança, na formação e estruturação da personalidade.

No estudo sobre o medo observa-se a influência exercida pelo contexto em que se insere a criança, sua cultura, suas crenças, a família, com seus valores e atitudes, sua ideologia.

Quando nos referimos a uma criança como medrosa, subentende-se o medo ligado a uma perturbação profunda, quase independente das condições ambientais, e que, a exemplo da timidez, faz parte do caráter. Existem crianças passivas que, pode-se dizer, são como que revestidas de uma aura angustiosa de medo. Outras, pelo contrário, são fortes e ativas, e, embora freqüentemente corajosas diante do perigo, podem apresentar medos misteriosos, ilógicos e irresistíveis. Tais atitudes explicam-se como conseqüências de fortes impressões colhidas no passado, como o medo de atravessar a rua, o medo de que existam gatos embaixo da cama, o medo de ver uma galinha, isto é, estados semelhantes às fobias, estudadas pela psiquiatria.

“Todas essas formas de medo existem, especialmente, nas crianças, que dependem do adulto”¹, quando este se aproveita do estado

nebuloso da consciência da criança para imprimir-lhe, artificialmente, medo de entidades vagas que agem nas trevas e, dessa maneira, impõem-lhe obediência. Esta é uma das mais nefastas atitudes do adulto contra a criança e que vem agravar o temor natural da noite, que passa a povoar-se de imagens aterradoras.

Estas e outras concepções sobre o medo, com características de normalidade ou de traço patológico, precisam ser analisados por especialistas das áreas médica, psicológica, pedagógica e psicopedagógica, numa investigação mais profunda, principalmente quanto à influência sobre a formação da estrutura do ego.

1.1. Objetivo do Estudo

Através da revisão de literatura sobre o tema “Medos Infantis”, reunir trabalhos de diferentes autores, tais como Natch, Freud, Wallon, Jersild, Gray e outros, para um estudo mais aprofundado, do ponto de vista dinâmico e estrutural do assunto.

1.2. Justificativa

A monografia versa sobre os medos infantis comuns, encontrados nas crianças consideradas “normais”, assim como os sintomas com características fóbicas.

Os medos que as crianças sentem não são nem arbitrários nem incompreensíveis, uma vez que levamos em conta tanto a sua origem biológica quanto as condições familiares e sociais de seu desenvolvimento.

Pouco se tem escrito sobre o medo, principalmente em crianças. Entre a psicologia profunda, que insiste na significação simbólica dos medos, e a psicologia comportamental, para a qual a maior parte dos medos não passa de maus hábitos, será necessário, contudo, tentar alguma forma de comparação, se quisermos compreender a significação da angústia humana a

¹. Montessori, Maria. A criança. 1989, p. 192.

partir do estudo dos medos infantis. Portanto, justifica-se este estudo para a Psicopedagogia.

1.3. Metodologia

O trabalho pressupõe conhecimentos específicos, compreensão do estudo e do seu objetivo.

A primeira função do estudo é a análise teórica de autores que elucidam sobre o tema proposto.

Alguns critérios foram utilizados para a elaboração da pesquisa:

- Estudo em bibliotecas;
- Pesquisa de campo com crianças de diferentes faixas etárias;
- Estudo de casos;
- Trabalho individual;
- Trabalho em grupo;
- Análise de material gráfico, em anexo;
- Planejamento de aula.

1.4. Questões a Investigar

O presente estudo pretende investigar:

- Como os diferentes autores colocam o medo infantil dentro da normalidade?
- Como a família e a escola atuam como fatores desencadeantes do medo?

2. O MEDO – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O medo caracteriza-se por ser um estado mental passageiro, que implica em tomar conhecimento de algo desagradável, perturbador, perigoso, podendo refletir-se em aspectos voluntários e involuntários do comportamento. Pode ocorrer repentina e inesperadamente, provocando um susto, ou pode existir de forma internalizada. É classificado como uma das emoções primárias, sendo do tipo das emoções de “afastamento”, ao contrário da alegria, que envolve aproximação. Por outro lado, o medo é, ou pode apresentar-se, para muitas pessoas,

como contagiante: quando uma pessoa sente medo, outras poderão sentir esta mesma emoção.

Experiências comprovam que o medo é, em geral, aprendido; só se exterioriza depois que a criança percebe que determinada situação oferece perigo.

Nas crianças recém-nascidas ou nas de poucos meses de idade, o medo só é causado por sons ou ruídos muito fortes e inesperados, ou pelo desequilíbrio seguido de queda brusca.

O medo só é inato em poucos casos; a maioria dos tipos de medo são aprendidos. Sinais de perigo, que provocam medo, são aprendidos pela criança, em convivência com pessoas mais velhas.

São as situações de perigo que provocam, também, o medo, ou seja, são os estímulos que, pela aprendizagem, propiciam à criança representar fatores de desprazer, de conseqüências negativas e prejuízos. Uma criança que, ao virar uma esquina, se depara com um cachorro solto em plena rua, ficará com medo, porque sabe que o animal poderá atacá-la e, até, matá-la. A ação provocada, de imediato, será de fuga. Entrementes, um estímulo súbito e inesperado também pode causar medo, provocando susto ou surpresa, e isso porque uma situação inesperada pode envolver perigo.

Experimentos feitos por alguns teóricos enfatizam que o sentimento de medo pode dispor-se a agir com maior vigor em determinadas situações, como que lhe dando maior força para vencer qualquer dificuldade que esteja relacionada ao medo.

A imagem idealizada da infância como período de felicidade não importunada é, na verdade, um fantasma projetado pelo adulto. Contudo, mesmo aqueles que reconhecem a

importância dos conflitos no desenvolvimento psíquico da criança ficam tentados a considerar a aparição do medo na vida da criança como um sintoma angustiante.

Também é utópica a noção de que os antigos sofrimentos do adulto em relação ao medo não se deveriam repetir na criança. Como efeito, o medo infantil desenvolve-se quando o sistema nervoso é incapaz de enfrentar uma soma de excitações com uma reação adequada.

Vê-se, portanto, que as interações são múltiplas. A criança, por sua dinâmica interna própria, pela sua relação com os pais, ou fora desta, vê-se confrontada com o medo, e procura organizar processos defensivos a contra-investimentos, cuja expressão sintomática torna a questionar o equilíbrio próprio dos que a cercam, que a deixam medrosa.

Tudo depende, finalmente, da maneira como a criança percebe a utilização que o adulto faz da relação educativa, seja para tranquilizá-la, seja para tranquilizar a si mesmo.

É, portanto, importante, insistir aqui, a consideração teórica, tão longamente desenvolvida, principalmente, por Freud, de que o destino de uma neurose infantil, quer dizer, seu caráter abortivo, ou durável e extensivo, pode estar ligado não apenas ao que se passa ao redor dela, mas, também, à organização que resulta da primeira forma da neurose infantil e ao caráter de organizador que ela pode ter. Em outros termos, o destino da neurose infantil não é determinado apenas pela soma dos traumatismos que o ambiente pode infligir, mas também pela forma inicial dessa neurose e pela influência que ela exerce, tanto na organização da psique, quanto no equilíbrio neurótico de toda a família ou qualquer meio ambiente em que viva, dando-lhe mais

força para vencer qualquer dificuldade que esteja relacionada ao medo.

3. MEDOS INFANTIS - DEFINIÇÕES

Na revisão de literatura encontram-se muitas definições do medo. Essas variam de acordo com a posição de quem as define, algumas delas apresentam um enfoque ligado à filogenia, enquanto outras realçam o ponto de vista dinâmico e estrutural.

Natch (1967) entende o medo não de forma estática, como alguns autores, mas surgindo ao longo do desenvolvimento do ego.

Apesar das diferentes definições do medo, existem convergências entre os diversos autores, no que se refere ao medo como reação útil e de grande importância para o organismo humano; o sentimento de medo que faz com que a criança se precavenha do perigo, sendo, assim, indispensável. O medo pode ser relacionado à ansiedade a angústia, estando, às vezes, intrinsecamente ligados. O medo pode, também, ser vinculado à agressividade e à frustração diante das condições ambientais que cercam a criança, ou pela falta de afetividade dos pais.

Tão generalizada é a existência do medo na vida contemporânea, que a nossa época tem sido chamada a “era da ansiedade”. Provavelmente, não é a época atual mais carregada de medo do que períodos anteriores da História; ao contrário, talvez reconheçamos mais claramente os caminhos do medo e os enfrentemos mais abertamente do que faríamos no passado. No folclore de muitos países, uma das características do herói era o fato de ser destemido; provavelmente, jamais existiu tal herói. Desde os primeiros anos, todas as crianças são mais ou menos perturbadas pelo medo, e algumas receiam tanto, que a sua liberdade de ação é

seriamente prejudicada. Também os adultos, muitas vezes, têm medo, e muitos deles lutam com apreensões que têm raízes nos seus temores de infância. Pessoa alguma que esteja atenta para as correntes de sua própria vida e para as circunstâncias do mundo em que vive pode deixar de ter medo. Embora algumas pessoas não reconheçam os seus temores, os adultos realistas admitem o fato de que o medo teve e tem ainda um lugar importante em suas vidas.

4. ORIGENS E FORMAÇÃO DO MEDO

Segundo algumas teorias, muito dos nossos temores são instintivos, como o medo de animais, do desconhecido, de grandes massas de água. Posteriormente, propôs-se uma teoria segundo a qual só existem dois estímulos “naturais” na origem do medo, a saber, os ruídos fortes e o repentino deslocamento ou perda de apoio. Essa explicação era bastante simples e bastante incompleta. As circunstâncias que dão origem aos temores ditos “não aprendidos” da criancinha compreendem não apenas os ruídos e a perda de apoio, mas qualquer estímulo intenso, inesperado, repentino ou desconhecido, ou qualquer situação que exija um tipo de adaptação para a qual o organismo não está preparado. Ademais, se determinado estímulo pode ou não provocar o medo, depende não apenas da natureza do estímulo, mas da situação do indivíduo que está reagindo e do cenário total em que ocorre o estímulo. Um susto ou um ruído intenso podem provocar o medo, quando uma criança se acha em companhia de uma pessoa desconhecida, e não provocá-lo quando está perto de uma pessoa conhecida.

O medo surge desde o nascimento, sendo observado, no recém-nascido, quando este sente um perigo iminente. As circunstâncias nas

quais o medo surge em idades muito baixas são diversas.

Natch (1967) fala que a origem do medo está na excessiva dependência do recém-nascido e na formação e estruturação do ego, e que o medo surgirá da necessidade simultânea de conservar e destruir, de amar e de odiar. É essa ambivalência afetiva que traz o medo. O medo será sempre pareado pela agressão ou pela repressão.

A repressão, por exemplo, se processa a partir do ego quando este, por ordem do superego, se recusa a associar-se a uma catexia instintual que foi provocada no id. A análise revela que a idéia amiúde persiste como uma formação inconsciente.

Enquanto dirigirmos nossa atenção para a tentativa de fuga do ego não chegaremos mais perto do tema da formação de sintomas ligados ao medo. Porém, um sintoma surge de um impulso instintual, que foi prejudicialmente afetado pela repressão. Se o ego, fazendo uso do sinal de desprazer, atingiu seu objetivo de suprimir inteiramente o impulso instintual, nada saberemos sobre como isso aconteceu. Podemos, apenas, descobrir algo a esse respeito pelos casos nos quais a repressão pode ser descrita como tendo, em maior ou menor grau, falhado. Nesse caso, o impulso instintual encontrou um substituto, apesar da repressão, mas um substituto reduzido, deslocado e inibido, e que não é mais reconhecível como uma satisfação. E, quando o impulso substitutivo é levado a efeito, não há qualquer sensação de prazer; sua realização apresenta, ao contrário, a qualidade de uma compulsão.

“Ao rebaixar assim um processo de satisfação a um sintoma, a repressão exhibe sua força sob outro aspecto. O processo

substitutivo é impedido, se possível, de encontrar descarga pela motilidade; e mesmo se isso não puder ser feito, o processo é forçado a gastar-se ao efetuar alterações no próprio corpo da criança, não lhe sendo permitido girar em torno do mundo externo. Ele não deve ser transformado em ação, pois, como sabemos, na repressão o ego está atuando sob influência da realidade externa e, portanto, impede o processo substitutivo qualquer efeito sobre aquela de exercer realidade”.

(Freud, volume XX, pág. 98).

Outros fatores concorrem para a formação dos medos comuns na infância. O ambiente familiar, por exemplo, é causador de grandes temores e problemas do medo. A superproteção, a ansiedade excessiva, a rejeição, a preocupação a apreensão exagerada dos pais são atitudes que, freqüentemente, interferem como desencadeantes do medo.

- A experiência pessoal

As primeiras experiências desagradáveis da criança e a sua má elaboração podem gerar medo.

- Informação

Alguns pais, com o propósito de ensinar aos filhos a serem precavidos e evitarem o perigo, dão instruções de forma profética e alarmante, que poderão provocar o surgimento do medo. Crianças mais velhas podem transformar objetos inofensivos em coisas ameaçadoras.

- Educação

Educar por meio do medo pode ser necessário para que a criança consiga enfrentar determinadas situações. Porém, quando de

forma excessiva, podem ocorrer problemas de timidez. Assim, a tendência familiar de proteger a criança quanto ao perigo deve ser bem dosada.

- Ameaças, advertências

Ameaçar uma criança de lhe causar danos físicos por um ato considerado errado ou transmitir o medo através de advertência podem levar a sérios distúrbios de conduta.

- Modelo

Através da imitação, a criança pode adquirir o medo ou prevalecer-se deste para impor-se direta ou indiretamente com relação ao adulto.

- Traço

Crianças inseguras em suas relações familiares, ansiosas, duvidosas de terem afeto e aprovação dos pais, com o ego frágil, mal estruturado, tendem a apresentar medos ou fobias.

4.1 Sintomas do Medo

Os sintomas do medo, produzidos pelo sistema nervoso autônomo, são, pela ordem de importância, os seguintes: aceleração das batidas do coração, sensação de “vazio” no estômago, enjôo, tremor, suor frio, sensação de tensão no estômago, fraqueza e vertigem, vômito, micção involuntária. Podem ser citados, também: falta de ar, perda do controle da voz, arrepios generalizados, empalidecimento etc...

4.2 Tipos de Medo

Quando exacerbado, o medo denomina-se terror, com indicações de expressões dramáticas. Quando tomado de pânico por causa do medo muito grande, o indivíduo tanto pode ser dominado por tremores ou permanecer estático. Todavia, a ação mais geral provocada pela emoção do medo é a fuga de sua causa, a fim de evitar-se o perigo.

4.3 Intensidade

Seja qual for o tipo de medo, com maior ou menor intensidade, devem ser valorizadas e identificadas suas características.

- *Medo de estranhos*

A criança, desde recém nato, reage a estranhos, mostrando ansiedade. Os movimentos, a fala, os carinhos, quando abruptos, podem ser motivo de resposta de medo, nas crianças.

- *Medo de animais*

Comumente não aparece tão precocemente, mas é comum na infância, sendo que há maior suscetibilidade para animais devoradores e cobras. Existem animais que suscitam medo devido ao folclore, histórias e filmes.

- *Medo extra familiar*

Coisas não familiares podem gerar medo devido à estranheza, a não familiarização, representando alguma coisa que o sujeito não pode, no momento, assimilar. Surge uma reação ao perigo, voltada justamente pela insegurança que sente longe da família.

Segundo Wallon (1976, pág. 86): “Os fantasmas do medo são uma impressão de iminência, de terror, de espasmo subjetivo que, longe de pessoas conhecidas, perdem as dimensões do espaço que exprimem”.

- *Medo de barulho*

É, entre outros, produzido nas primeiras semanas de vida da criança. É o medo de repentinos sons diferenciados que a deixam atenta e ansiosa. O medo de formas naturais e sobrenaturais está relacionado com o temor da separação.

- *Medo da morte*

Quando pequena, a criança é incapaz de fazer abstração da morte. Sendo assim, a característica emocional da morte é transmitida pelos adultos que a rodeiam. Muitas das suas sensações físicas podem lembrar-lhe este medo

subjetivo. O medo de morrer objetivamente surge na adolescência e se desenvolve plenamente na idade adulta. Esse medo aparece na criança, assim como sua preocupação com as origens, relacionado com um aspecto da morte, a possibilidade de não mais ser. O medo da morte se relaciona com o medo de perder pessoas amadas e medo da destruição.

- *Medo do escuro*

É o mais freqüente dos medos, podendo aparecer nos primeiros anos de vida. Geralmente se inicia devido às experiências traumáticas com outras crianças, ou com os próprios pais, ao falarem do escuro, como castigo.

Às vezes, pelas atitudes dos pais, a criança sente-se isolada no momento de ir dormir, a cria fantasias, que associa à escuridão.

O medo específico da escuridão normalmente surge aos três anos de idade. Alguns medos estão ligados a eventos reais. Os pais superprotetores fazem com que a criança pense que o mundo é um lugar perigoso, principalmente à noite. Os pensadores freudianos acreditam que o incremento do medo de escuro, durante esta idade, resulte da ansiedade das crianças de se machucarem (o complexo de castração) e de seus sentimentos de culpa em relação aos pais (o complexo de Édipo), que as faz sentir-se como se merecessem a punição de ficarem presas no escuro.

Apesar da influência das experiências traumáticas em relação ao medo de escuro, é difícil ter certeza de tratar-se da reedição de um medo ligado a fatores filogenéticos ou do afeto acumulado pelas experiências desagradáveis associados à escuridão.

Nas crianças maiores, esse medo está, quase sempre, associado a outros temores: o medo dos ladrões a dos fantasmas, isto é, relativos a temores de separação e da destruição.

- *Medo de separação*

Quando a criança não se sente segura do afeto familiar terá medo de ser perdida quando está em público ou, mesmo, que os pais a abandonem. O medo pode, também, surgir como consequência do nascimento de um irmão menor.

Como o medo dos animais, do escuro, de morte, esse medo relaciona-se com o temor da separação.

- *Medo da internação hospitalar*

Como, no nosso meio cultural, a assistência médica é valorizada, os pais, freqüentemente, levam os filhos para exames profiláticos e para serem vacinados. Cria-se o medo, principalmente quando a família, para obter algo da criança, a ameaça de levar ao médico, ao hospital, de lhe dar injeção etc.

- *Medo do fracasso escolar*

A partir da idade escolar, esse passa a ser um dos mais freqüentes medos. Medo devido, geralmente, à expectativa criada pelos pais. Na adolescência, será mais comum o medo de não ter sucesso social ou pessoal.

Alguns traços de paranóia poderão se configurar através de um ataque de angústia, pois a criança sente o sinal de perigo, sabe que um castigo se aproxima, e diante da sua condição enfraquecida não conseguirá defender-se. Os ataques de angústia têm o caráter de descarga de emergência. É fora de dúvida que os deslocamentos, na neurose fóbica, criam substitutos do impulso originariamente recalcado, que facilitam a defesa original, de modo que a angústia, nestes casos, é, de fato, mais do que manifestação das forças defensivas, é sintoma neurótico.

O objeto fobogênico pode ser constituído pelo saber a pelo conhecimento, ou, ainda, pela pessoa do professor, pelos locais escola-

res, e, até mesmo, pela atitude de concentração, da atenção necessária ao estudo. Nestes casos, constata-se antes uma inibição a aprender que uma verdadeira inibição intelectual, pois, geralmente, a curiosidade é conservada em outras áreas, extra-escolares.

5. INCIDÊNCIA DO MEDO

A incidência do medo tem sido estudada segundo diferentes variáveis: conteúdo, sexo, idade, nível intelectual e deficiências físicas. Relaciona-se, também, às variáveis de personalidade e das relações parentais.

Jersild (1981, pág. 276) pesquisou amplamente o medo em crianças segundo essas variáveis e verificou que quanto a sexo não havia diferenças; quanto à idade, as crianças de 5 e 6 anos apresentavam um percentual de 27% de medo de animais e o percentual de 5% de medo de pessoas consideradas “más”. Já quanto às crianças de faixa etária de 11 a 12 anos, 7% apresentavam medo de animais e 12% medo de pessoas “más”.

Quanto à evolução do pensamento, dos 2 aos 7 anos, constata-se a existência de etapas sucessivas, que correspondem aos pensamentos egocêntricos, verbal e intuitivo. A criança evolui da pura incorporação ou assimilação, até a adaptação aos outros e ao real. É no pensamento verbal que surgem características de finalismo, animismo e artificialismo. No caso de animismo, a criança dá vida à sua própria imaginação, o que ela vê é o que teme. Para a criança, seres inanimados têm vida e são dotados de intenção, neste momento, há uma incidência maior do medo. Já na faixa de 11, 12 anos tem um pensamento lógico, compreendendo e associando o medo a situações concretas.

O maior número de crianças que não tinham medo de animais e pessoas “más” estavam acima dos 12 anos. Muitas crianças apresentavam mais medo de coisas fantasiosas.

A maioria das pesquisas feitas revela ser 80% a percentagem de crianças preocupadas com a suficiência escolar, principalmente à época dos exames.

Gray (1976), estudando os temores infantis relacionados com o nível intelectual, achou que 61% de crianças de inteligência superior tinham temores comparados com 36% das crianças de inteligência média.

À medida que as crianças adquirem mais idade, ficam mais amadurecidas e competentes, algumas das coisas que pareciam ser tão ameaçadoras perdem suas garras. As meninas expressam mais medos do que os meninos (Jersild, 1973), talvez porque os pais aceitem os temores das meninas e desencorajem os dos meninos - ou talvez porque as crianças mais dependentes são mais temerosas e as meninas são encorajadas a serem mais dependentes. As crianças pobres têm medo de mais coisas do que as de condições mais confortáveis (Jersild, 1973), talvez porque se sintam menos seguras quanto à vida em geral. O medo também está relacionado à sociedade. As crianças americanas, por exemplo, em idade escolar, costumam temer seres e eventos sobrenaturais, mas, agora, se preocupam mais com a guerra. Esta mudança resulta, pelo menos em parte, da influência da televisão, que traz a guerra e a política para nossa sala de estar. Amiúde a televisão e o cinema são assustadores, e algumas crianças têm pesadelos

depois de cada espetáculo de “polícia e bandidos”. Os próprios espetáculos talvez não tornem as crianças temerosas, mas proporcionam imagens assustadoras que envolvem suas ansiedades.

A conclusão sobre essas pesquisas é de que a maioria do medo das crianças é de natureza imaginária. Os tipos de temores tendem a mudar com a idade e as crianças, quando mais velhas, podem apresentar medos de objetos concretos, como animais, supondo-se um quadro mais grave.

Conclui-se, também, que as meninas apresentam mais medo do que os meninos, numa mesma faixa etária. Os medos das crianças, em muitos aspectos, são semelhantes aos temores dos pais.

5.1 Funções do Medo

Os medos adquirem várias funções, durante o curso do desenvolvimento infantil, mas pouco se conhece sobre isso.

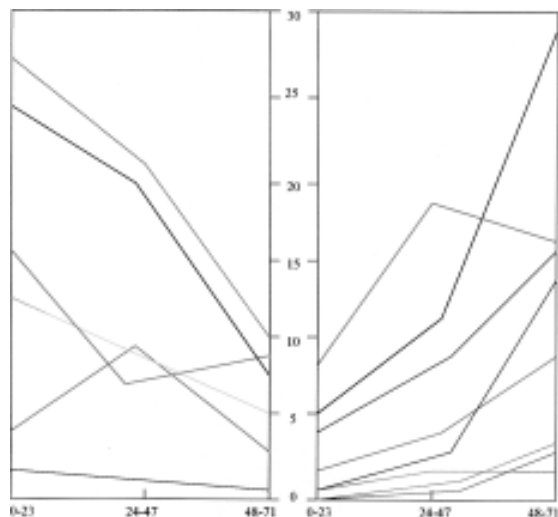
O medo de natureza filogenética tem, como função, preservar a espécie quanto aos perigos existentes.

O medo pode desencadear agressão, na medida em que esta provenha de uma manifestação social, onde falta de controle e condições de inferioridade são muito freqüentes.

Se o medo não pode ser dominado na descoberta do prazer, ele engendra a busca de segurança.

A descoberta de si depende das relações com o outro, podendo produzir medos e angústias, com a descoberta de novos perigos ou, por outro lado, produzir segurança.

5.2 Percentagem de medo



- Barulho e agentes de barulho
- Situações, objetos e pessoas, estranhos
- Dor
- Queda, perda de suporte, lugar alto etc.
- Movimento inesperado e súbito, mais luzes, flash, sombras etc.
- Situações e objetos específicos (causa desconhecida).
- Ridículo, ladrões, sonho, morte.
- Animais
- Escuro, sozinho e criaturas imaginárias no escuro
- Criaturas imaginárias
- Ameaça ou perigo de dano, tráfego, afogamento, fogo, cadeia etc.
- Alarmas
- Sonhos
- Sinais de medo nos outros

GRAY, Jeffrey. *A Sociologia do Medo e do Stress*. Zahar Editores, 1976, p. 18

6. MEDO E FOBIA

O medo, como fator de autodefesa e proteção, diretamente ligado ao instinto de conservação, não é patológico. O medo que protege as crianças dos perigos é, naturalmente, necessário.

A criança pode apresentar formas patológicas de medo, caracterizadas por perturbações da conduta, que podem evoluir desde a manifestação de timidez e vergonha, crises de ansiedade ou, até, fóbicas.

O medo está presente em várias afecções neuróticas e psicóticas. Os medos obsessivos, ainda que os pacientes compreendam que são infundados a irracionais, não podem ser expulsos pela razão ou vontade.

O exemplo mais simples do conteúdo ideativo derivado, capaz ou não de encontrar saída, apresenta-se no exagero ou na alteração qualitativa do afeto. Se alguém reage a certo acontecimento de maneira exagerada ou com um tipo de afeto aparentemente inadequado, tem-se, aí, um sinal de deslocamento: o afeto relaciona-se, de fato, com alguma outra situação que terá sido reprimida.

A produção de derivados e a luta que estes desenvolvem para produzir motilidade regulam-se por mecanismos especiais de formação de sintomas. Os mecanismos que então vigoram é que determinam a sintomatologia e o curso clínico de uma neurose.

A neurose fóbica manifesta-se numa tensão interna geral sob forma de angústia constante, que flutua livremente, ou de disposição para a mesma. Na fobia, contudo, a angústia liga-se, especificamente, a uma situação especial, está representando o conflito neurótico.

Outros exemplos, como os sintomas hipocôndricos, são exteriorizações clínicas do medo à enfermidade. O medo aterrador à morte é característico dos ataques de ansiedade. O medo aparece também, nos estados depressivos a nos episódios esquizofrênicos.

6.1 Medo e Pulsão de Morte

Os medos infantis estão vinculados a eventos que, na sua maior parte, ocorrem em um mundo diverso do mundo das ações cotidianas da criança e de seu meio ambiente.

A noção de morte se desenvolve fora do cotidiano. O medo de morrer surge nas proximidades da adolescência e só chega a pleno desenvolvimento na idade adulta. Esse medo é uma primeira inquietação que aparece na criança de tenra idade, ao mesmo tempo que a preocupação com suas origens, que está relacionada com

o aspecto da morte; a possibilidade de não mais ser. Há, também, aspectos dos medos infantis que se desenvolvem ao redor do tema da separação que são relativos ao perigo de perder as pessoas amadas. O medo da morte instala-se quando a criança confunde sua individualidade com a de seus entes mais chegados.

O medo da destruição é inteiramente diverso da nossa própria angústia da morte, mas sem ele, nossa representação da morte não passaria de uma abstração, uma pura construção intelectual.

Segundo Freud (in Natch 1967), “existem dois instintos que atraem constantemente o homem para duas direções opostas: o de vida e o de morte, e que não há possibilidade de amenizar esse conceito, pois essa tensão é necessária à manutenção da existência humana”. Para Freud, a agressividade nasce do instinto da morte.

Segundo Natch, “a origem das forças autodestrutivas (masoquismo) não é um instinto inato e, sim, originário das primeiras relações estabelecidas pela criança e o meio ambiente, quando recém-nascida”. Para ele, as forças agressivas tendem a manter e defender a vida humana.

No indivíduo que atua, a agressividade é conservadora e criadora da vida.

6.2 Prevenção e Tratamento

Os medos infantis, característicos das próprias limitações, desaparecem, comumente, com a maturação e com as vivências. A atitude dos pais, dando apoio e, não, assustando à criança, fará com que ela se sinta segura e consiga superar os seus medos.

Nos casos do medo patológico há indicação formal de tratamento psicoterápico, que evidencia resultados satisfatórios nesses casos.

O tratamento, em geral, deve se orientar para os aspectos da ansiedade e insegurança sobre as quais se desenvolvem as relações entre pais e filhos. Muitos terapeutas se utilizam dos jogos, como expressão simbólica da criança, para tratamento dos medos. As sessões clínicas deverão oportunizar ao cliente fortalecer o seu ego, permitindo-lhe construir-se como sujeito e capaz de abandonar mecanismos de defesa inadaptados à realidade.

Na neurose fóbica, em geral, a indicação é de psicanálise, e só quando existe contra indicação especial é que a análise se faz desaconselhável. A capacidade de transferência é excelente, mas nos casos em que há sintomas obsessivos, os quais se baseiam em conflitos pré-genitais e agressivos, é menos favorável. Há necessidade de se modificar a técnica, quando se analisam fobias típicas.

A estrutura da neurose é afrouxada, suficientemente, pela análise. O analista tem que intervir ativamente no sentido de induzir o paciente a que comece a esforçar-se por superar a fobia.

7. INFLUÊNCIA DO MEDO NA APRENDIZAGEM ESCOLAR

A criança, ao ingressar na escola, traz experiências relacionadas a diversas situações de medo, e irá reagir a esse novo ambiente de acordo com essas experiências, sendo freqüente encontrarem-se crianças que não conseguem adaptar-se, nem ter satisfatório rendimento nos estudos, por estarem comprometidas com ansiedades e tensões psíquicas.

Portanto, a problemática emocional ocorre ligada a esta situação conflitiva, absorvendo a disponibilidade perceptiva e reacional do indivíduo à estimulação externa, dificultando a sua

integração ao meio ambiente e perturbando não só a sua capacidade de atenção, de concentração, de raciocínio, como também a de relacionamento. As dificuldades de aprendizagem podem estar ligadas à fixação na fase oral, a dificuldade de retenção na fase anal, entre outros conflitos. Podem, também, estar relacionadas a problemas de afirmação, assim como podem ser problemas reativos. Existem crianças que não conseguem crescer por medo, insegurança ou ciúmes. Vê-se, também, que a competição e o medo do fracasso escolar podem provocar, além das dificuldades de aprendizagem e de adaptação, a rejeição, como resposta a uma necessidade inconsciente de castigo.

Segundo Jorge Visca, existem interferências para aprender, que não derivam do nível de competência das estruturas cognitivas, mas, sim, do vínculo afetivo que o sujeito estabelece com os objetos e situações de aprendizagem. Um vínculo inadequado pode impedir ou dificultar a aprendizagem. O obstáculo epistemofílico pode adotar diferentes configurações: ansiedade confusional, ansiedade esquizo-paranoide ou ansiedade depressiva.

a) ansiedade confusional -> medo inconsciente de confundir objetos de conhecimento antigos e novos.

b) ansiedade esquizo-paranoide -> medo inconsciente do “ataque” dos novos objetos de conhecimento.

c) ansiedade depressiva -> medo inconsciente da perda dos antigos objetos de conhecimento.

7.1 O Papel da Aprendizagem

Os temores são influenciados, também, pela aprendizagem. Em virtude de uma penosa experiência, ou de ter sido assustada ou domi-

nada, pode a criança “aprender” a temer algo que antes não a incomodava.

Essa aprendizagem pode ser bastante direta, específica e restrita: uma criança é derrubada por um cão e passa mais tarde a temer esse animal. Ademais, os efeitos podem ser mais gerais: a criança pode temer não apenas o cão que a derrubou, mas todos os cães, podendo, talvez, colocar-se em posição defensiva, como nunca fizera antes, sempre que esteja em contato com qualquer animal de quatro patas. De igual forma, pode não apenas amedrontar-se ao ver um cachorro, mas pode, também, ficar apreensiva ao passar pelo quintal onde sabe que existe um cão.

7.2 O Processo de Aprendizagem

O processo pelo qual o medo é adquirido pode envolver passos indiretos ou intermediários. Por exemplo, uma criança que fora atropelada por um automóvel, embora não houvesse ficado gravemente ferida, estava, ainda, bastante transtornada ao ir para a cama, e, por isso teve um pesadelo. A partir de então, sentia medo de ir para seu quarto, quando estava escuro. Por intermédio do sonho, o acidente e seus efeitos emocionais tinham sido, por assim dizer, colocados no ambiente da escuridão. Assim, desde que uma criança tenha sido amedrontada, pode o seu temor “propagar-se” para muitas outras coisas e situações.

O elemento essencial, quando se verifica tal “propagação”, é o fato de alguma coisa tê-la deixado num estado de apreensão ou de medo. Não é o processo condicionador, em si mesmo, que cria um novo medo; este fornece, porém, um objeto ou circunstância (diferente daquilo que a amedrontou no primeiro caso) com o qual seu medo passa a ser associado.

8. ATUAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA

Constata-se que grande número de crianças, ao longo dos anos, se reprimem, não desenvolvem a aprendizagem pelo fato de sentirem medo.

Com a finalidade de diagnóstico, é necessário que o profissional atente para o significado do sintoma a nível familiar e escolar, e que não veja, apenas, o sujeito a ser por ele tratado.

No ambiente escolar podem ser observadas diferentes situações.

a) a criança tida pelos seus familiares como “ajustada”, vivendo em clima de superproteção que, ao ingressar na escola, (grupo social excelente para avaliar a capacidade de socialização e o nível de maturidade emocional) entra em conflito, apresentando, então, a sua problemática com nitidez;

b) a criança já rotulada como “difícil” e “desajustada”, vivendo situação conflitiva familiar, que também não consegue adaptar-se ao ambiente escolar;

c) a criança que encontra na escola ambiente positivo, neutralizando suas dificuldades e problemas emocionais.

Além dessas situações, nas quais a criança traz para a escola uma problemática relacionada a vivências anteriores, podemos destacar a situação na qual a própria escola desencadeia a problemática do aluno, não oferecendo clima de segurança e de liberdade satisfatórios, mas, pelo contrário, de tensão excessiva, transformando-se numa agência social deseducadora a perturbadora.

Exemplos das situações citadas, vivenciados em algumas escolas do Rio de Janeiro, elucidam melhor o que foi dito:

- Medo de algumas matérias (como exemplo - a matemática)

Camila, primogênita entre três irmãos, sempre teve escolaridade regular, apresentado, aos 14 anos de idade, quando cursava a 8ª série, dificuldade com matemática, a ponto de estar em vias de uma reprovação. Já em pleno uso do pensamento formal, dotada de inteligência superior à média, construiu vínculo inadequado com a matemática. Envia, através de seu desvio escolar, uma mensagem de alerta sobre sua problemática emocional, e denuncia a situação familiar de absoluto desentendimento. Já tentara, anteriormente, outras formas de alerta.

- Medo de algum professor

Victor, caçula de dois irmãos, apresenta uma aversão à professora de português; todas as vezes em que participa da aula, tem dificuldade em aprender, apresenta “dislexia reativa”, pois não pode “ler”. Está com 12 anos, na 5ª série, já no pensamento formal, com excelente desempenho em todas as atividades que requerem raciocínio espacial, revelando inteligência superior à média; no entanto, sua professora sempre o reprimiu diante de seus colegas, evidenciando seus erros. Exteriorizou medo pela professora.

- Notas baixas à repressão escolar

Ricardo, caçula de quatro irmãos, com oito anos, freqüentava uma turma de alfabetização de escola municipal. Apresenta parada de aprendizagem, mas possui boas condições para alfabetização, já entrando no pensamento operatório concreto. Não consegue fazer investimento na aprendizagem formal, suas notas baixas favorecem castigos e repressão da escola, principalmente na hora do recreio. É frágil e pequenino, sente medos fantasiosos.

Embora muitos temores se reduzam gradativamente, dando, mesmo, a impressão de desaparecerem, grande parte dos temores da infância perdura, sob uma ou outra forma, na idade adulta.

Num estudo dos temores da infância recordados por adultos, (Jersild, 1973) verificou que, de oitocentos e quatro (804) temores relatados, mais de 40% ainda persistiam na idade adulta. Essa percentagem não pode, evidentemente, ser aceita sem reservas, já que a recordação dos temores da infância por um adulto será, provavelmente, influenciada pelas suas apreensões atuais, sendo provável, mesmo, que ele se esqueça de muitos temores passageiros, que, contudo, não desapareceram.

Face à necessidade de atender às crianças que não conseguem lograr sucesso em sua escolaridade, diante do medo, surge a atuação psicopedagógica, pois uma de suas funções é levar a criança a reintegrar-se à vida escolar normal. Necessita-se conhecer a evolução de toda e qualquer situação que leve a criança a ter problemas de aprendizagem devido a medos, que a fazem recuar no desenvolvimento cognitivo.

Crianças com problemas de medo podem adotar atitudes agressivas, de inibição, de constrição, de regressão, de isolamento, de hostilidade, de oposição, de indiferença, de indisciplina, de exibicionismo, de dissimulação e de sensibilidade e emotividade excessivas.

8.1 Orientação Psicopedagógica

O trabalho de orientação aos pais, nesses casos, é tão importante quanto difícil, pois podem se sentir ameaçados, perseguidos e, nem sempre, colaboram, uma vez que estão comprometidos com seus próprios conflitos. Acham que os filhos são, apenas, “problemas”, não consi-

derando que tenham interferência direta na solução das dificuldades.

Nas situações descritas anteriormente, torna-se válido uma linha de atuação psicopedagógica institucional, visando ao diagnóstico, orientação e possível encaminhamento para o tratamento necessário, e, através de ação conjunta com a equipe do estabelecimento, atuar com apoio sistemático aos pais dessa criança.

Entretanto, na última situação descrita, faz-se necessária uma reformulação do sistema de relações do próprio ambiente, além do atendimento individual dos casos detectados.

A escola deve procurar neutralizar, tanto quanto possível, as condições negativas que interferem na aprendizagem escolar, oferecendo apoio e segurança, propiciando a livre expressão e desenvolvimento global de seus alunos, sabendo, porém, que não poderá assegurar recursos para uma solução, a curto prazo, de situações que exijam tratamentos específicos.

8.2 Medidas Práticas que podem ser Empregadas ao Lidar com o Medo da Criança

“Quando o adulto percebe que uma criança tem medo, seu impulso é, em geral, dizer ou fazer alguma coisa. Se uma criança tem intenso medo, o adulto tentará, naturalmente, confortá-la e protegê-la. Entretanto, ao tratar de temores duradouros, é importante para o adulto jogar com o tempo, estudar a criança, a natureza do medo e o contexto em que esse medo ocorre” (Jersild, 1973). O primeiro princípio a observar, quando se lida com o medo, é o de que devemos não apenas olhar os sintomas específicos, mas tentar descobrir as condições que estão na base do medo. Isso é especialmente indispensável quando se trata de temores que têm raízes nos estados de insegurança e confli-

to. Quando existe tal situação, a eliminação de um “medo” pode ser acompanhada por outros temores.

Segundo Zlotowicz (1976), *certos métodos empregados pelos pais, ao se depararem com os temores das crianças, podem ter conseqüências negativas.*

São eles:

- a) Ignorar sistematicamente o medo;
- b) Ridicularizar ou castigar a criança por ter medo;
- c) Forçar a criança a ficar na situação temida.

8.3 Métodos que podem Ajudar as Crianças a Enfrentar o Medo

a) Explicar a situação, procurando convencer a criança de que nada há a temer. Esse método, algumas vezes, ajuda, se a explicação realmente toca na razão do medo da criança, mas, provavelmente, fará mais mal do que bem, se a “explicação” significa, na verdade, que é tolice a criança ter medo.

b) Dar um exemplo de destemor. Um exemplo dessa natureza pode, entre outras coisas, estimular a confiança da criança na proteção de outra pessoa e ajudá-la a compreender que nada há a temer. Em muitas situações, o exemplo de destemor dado por outras crianças ajuda muito.

Em suma, a maioria das crianças está apta a controlar suas ações e também a temeridade, compondo uma forma de vida serena e superior. Conseqüentemente, a normalização não consiste em atirá-las aos perigos, mas no desenvolvimento de uma prudência que lhe permita agir entre perigos, conhecendo-os e dominando-os.

9. DESENHO E PSICOPEDAGOGIA

A importância do desenho nas atividades espontâneas da criança não poderia ficar indi-

ferente à psicopedagogia. Mas é preciso distinguir dois problemas:

a) o uso do desenho nos métodos gerais da educação;

b) o papel da educação no progresso da atividade gráfica.

Widlöcher (1971), considera que a *criança que desenha não acredita que se entrega a um divertimento gratuito. Através do desenho é demonstrada toda a expressão do medo, ou seja, neste sentido, a prática do desenho pode exprimir o sentimento da criança, ajudando-a, em momentos circunstanciais, a inibição do medo.*

9.1 Observação Psicopedagógica

Um dos papéis universalmente e a justo título reconhecido ao ensino do desenho é desenvolver o sentido de observação, e ajudar a criança a recolher novos conhecimentos a partir dos dados experimentais orais e escritos, que lhe são apresentados. Sobretudo, com crianças mais jovens, o desenho é, neste particular, relevante. É certo que fazendo a criança desenhar chamamos sua atenção sobre alguns motivos aos quais provavelmente ela não se interessaria por conta própria.

O realismo intelectual é muito mais útil do que a submissão ao ponto de vista “visual”, porquanto ele consiste precisamente em figurar no desenho todos os elementos do objeto reproduzido, cada um com sua forma exemplar. Assim fazendo, a criança, de um certo modo, procede espontaneamente a uma análise minuciosa do objeto. São os reconhecimentos que a criança projeta no desenho que lhe servem para figurar a realidade.

9.2 Evolução Gráfica

O desenho gráfico evolui com a idade, e passa da garatuja à imitação ingênua e desajei-

tada da “arte” dos adultos. Na continuidade do seu desenvolvimento a criança vai descobrindo um modo de expressão que lhe convém e do qual teria grande satisfação, mesmo que o medo seja condição principal.

Contudo o desenho não é jamais uma atividade isolada. Como toda comunicação, ele inscreve-se num contexto: o da relação entre a criança que desenha e seu público.

Uma interpretação válida não pode fazer abstração deste contexto. Toda interpretação do desenho deve inscrever-se num campo psicológico determinado. Conhecê-lo é tão necessário a quem deseja aprender a ler um desenho infantil como conhecer os sinais gráficos.

Os desenhos que figuram em anexo, visam apenas ilustrar as observações do tema em estudo. Neles se encontram os comentários necessários para a compreensão dos “medos infantis”.

10. CONCLUSÃO

As crianças que apresentam medo, são, geralmente, aquelas classificadas como crianças com fragilidade de ego. Tais condições são representadas por problemas de temperamento, problemas familiares, fatores intelectuais e socioculturais.

Há, todavia, na vida de certas crianças, medos que aprisionam a sua existência e a dos seus próximos. Às vezes, circunstâncias imagináveis parecem motivar o aparecimento de tais temores, mas elas permitem sempre ilustrar, não sem violência, a condição de um grande número de crianças.

A origem dos medos infantis é controvertida, nada provando que sejam instintivos. Segundo diferentes autores, os pais, geralmente, incutem nos filhos os medos dos perigos exis-

tentes no meio. Apesar do medo não ser considerado instintivo, quase todas as pessoas, desde cedo, têm medo de alguma coisa.

O medo é considerado útil e, por alguns, indispensável à sobrevivência humana, podendo exercer funções muito importantes. As crianças poderão ter medos que, se não forem intensificados, passarão com a idade e serão atenuados com a adaptação, com o desenvolvimento.

A família exerce papel fundamental quanto à formação do medo. Pais ansiosos, castradores, inseguros, agressivos, angustiados e um ambiente familiar conflituoso podem ser elementos desencadeadores de medos. Se as famílias dão oportunidades às crianças para uma satisfatória adaptação ao medo, esse não chegará a se constituir numa fobia.

A situação escolar de crianças com medo é influenciada pelas crenças e atitudes dos adultos, uma não compreensão de suas condições, e as maneiras pelas quais a disfunção é abordada nas escolas.

A problemática emocional deve ser considerada fator decisivo na adaptação e rendimento escolar. Falta de concentração, de atenção, de raciocínio, de interesse e dificuldade em estabelecer relacionamentos, assim como incompreensão e autoritarismo no ambiente escolar, são situações que podem desencadear medos, podendo ter sérias conseqüências ao bom desempenho escolar.

A psicopedagogia institucional, através do diagnóstico precoce, dos encaminhamentos adequados, da programação adequada das atividades escolares e da preparação dos professores, atuando de forma preventiva, poderá poupar a criança e a sociedade do agravamento das situações provenientes dos medos infantis.

A explicação dos medos infantis e as terapêuticas que se propõem reduzir os mais perturbadores dentre eles provêm de movimentos dos quais os mais importantes sustentam princípios opostos. Entre a psicologia profunda, que insiste na significação simbólica dos medos, e a psicologia comportamental, para a qual a maior parte dos medos não passa de maus hábitos, será necessário, contudo, tentar alguma forma de comparação, se quisermos compreender a significação do medo humano a partir do estudo dos medos infantis.

Concluindo, a compreensão do fenômeno do medo infantil não é uma tarefa fácil. Também não é uma tarefa que o psicopedagogo consiga resolver sozinho. É pela conjugação de esforços de diversos especialistas que se buscará desvendar as causas do “medo infantil”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADRADOS, Isabel. *Orientação Infantil*. Rio de Janeiro, Vozes, 1971.
- FREUD, Sigmund. **O Pequeno Hans** - Análise de uma fobia em um menino de cinco anos (1909) - *Obras Completas* - Volume X, Rio de Janeiro, Imago, 1969, p. 15 - 133.
- _____. **Inibições. Sintomas e Ansiedades**. (1926 [1925]) - *Obras Completas*, Volume XX, Rio de Janeiro, Imago, 1969, p. 91 - 152.
- _____. *Obsessões e Fobias - seu mecanismo psíquico e sua etiologia* - *Obras Completas* - Volume III, Rio de Janeiro, Imago, 1969, p. 89 - 99.
- GRAY, Jeffrey. *A Psicologia do Medo e do Stress*. Rio de Janeiro, Zahar 1976, 278 p.
- GRÜNSPUN, Haim. **Distúrbios Neuróticos da Criança**. 2. ed. Rio de Janeiro, Ateneu, 1976, 635 p.
- JERSILD, Arthur Thomas. **A Psicologia da Criança**. 2ª ser. v. 1. Belo Horizonte, Itatiaia, 1973, p. 276 - 309.
- LEBOVICI, Serge. Soulé, Michel. **O conhecimento da Criança pela Psicanálise**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1980, p. 531 - 539.
- KLEIN, Melaine. HEIMANN, Paula. **Temas de Psicanálise Aplicada**. Rio de Janeiro, Zahar, 1969, 245 p.
- MONTESSORI, Maria. **A Criança**. São Paulo, Linoart - Círculo do Livro, 1989, p. 192.
- NATCH, S. **La Presencia del Psicanalista**. Argentina, Proteo, 1967.
- NOVAES, Maria Helena. **Psicologia Escolar**. Petrópolis, Vozes, 1982, 375 p.
- TELFORD, Charles W. & SAWREY, Jame. M. **Temas de Psicanálise Aplicada**. São Paulo, Cultrix, 1977, p. 15 - 133.
- VISCA, Jorge. **Clínica Psicopedagógica - Epistemologia Convergente**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1987.
- WALLON, Henri. **A Evolução Psicológica da Criança**. Rio de Janeiro, Editora E. Andes, 1976, p. 86.
- WILDLOCHER, Daniel. **Interpretação dos Desenhos Infantis**. Petrópolis, Vozes, 1971, 254 p.
- ZLOTDWICZ, Michel. **Os Medos Infantis**. Rio de Janeiro, Zahar, 1976, 186 p.

12. ANEXOS

A pesquisa em anexo inclui representações do medo infantil, através de relatos e ilustrações de crianças desde a educação infantil até a pré-adolescência, realizado em instituições de diferentes regiões como Nordeste e Sudeste, tendo, como preferência a cidade de Pitimbu, no estado da Paraíba e a cidade do Rio de Janeiro, no estado do Rio de Janeiro.

O procedimento tende a verificar, com clareza, dados que são julgados necessários para a compreensão do tema abordado, como, também, para fins de análise comparativa.

Nesse estudo breve, o foco recai sobre a evolução da grafia das crianças, sendo que muitas delas esboçam o sentimento do medo.

O essencial dessa produção não se encontra, entretanto, na sua extensão, mas na expansão do uso de símbolos e na transformação conceitual que esse ato representa no desenvolvimento relativo ao medo, que essas crianças apresentam.

Nesse estudo, pode-se evidenciar que o medo de cobras e do escuro é relevante.

Presta-se à reflexão que o psicopedagogo tem a fazer, através de pistas fornecidas pela própria criança, em busca de respostas frente às questões naturais e vitais do seu medo.

Como evidenciado anteriormente, o medo de cobras é inato, mas não se desenvolve até que a criança já tenha alguns anos de idade. Em 1928, dois psicólogos soltaram uma cobra grande e ágil, porém, inofensiva, em um cercado com crianças de idades diferentes. Não houve sinais de medo nas crianças de até dois anos de idade; as crianças de três a quatro anos mostraram sinais de precaução, e as crianças de quatro anos em diante demonstraram sinais definidos de medo, que aumentava de acordo com a idade. De fato, o medo demonstrado aumentou de fre-

qüência e intensidade até em crianças com mais idade, ou seja, na pré-adolescência, nas pessoas que nunca foram feridas por uma cobra.

Outro tipo de medo que parece estar sujeito à maturação é o medo de escuro, que aparece nas crianças. Extensos estudos já foram feitos sobre este tipo de medo, principalmente com crianças com dois anos de idade, e estes sinais intensificavam-se até mais ou menos a idade de cinco anos. A importância desses estudos exclui a possibilidade de que o aparecimento do medo deve-se a alguma experiência desagradável que tenha ocorrido no escuro, experiência esta que leva à aprendizagem “por condicionamento” do medo. Entretanto, novamente existe a possibilidade de que as crianças possam ter lido ou ouvido falar alguma coisa no sentido de que o escuro é aterrador. Mas a regularidade com que o medo do escuro se desenvolve nesta idade, nas crianças, parece conservar mais as características da maturação do que da sugestão.

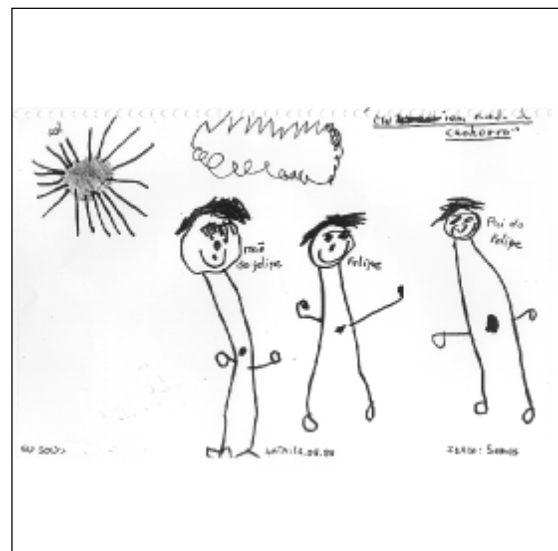
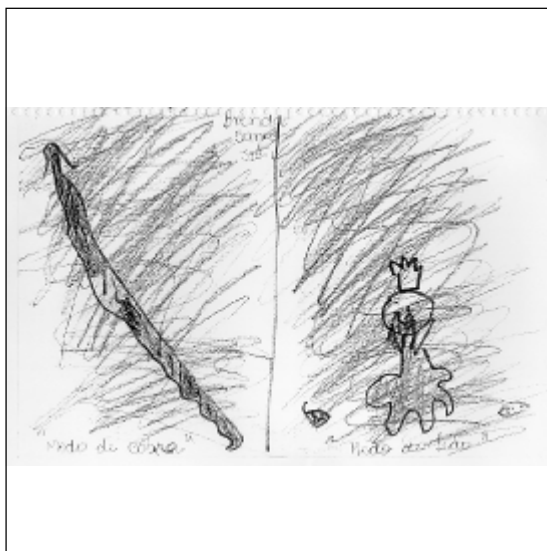
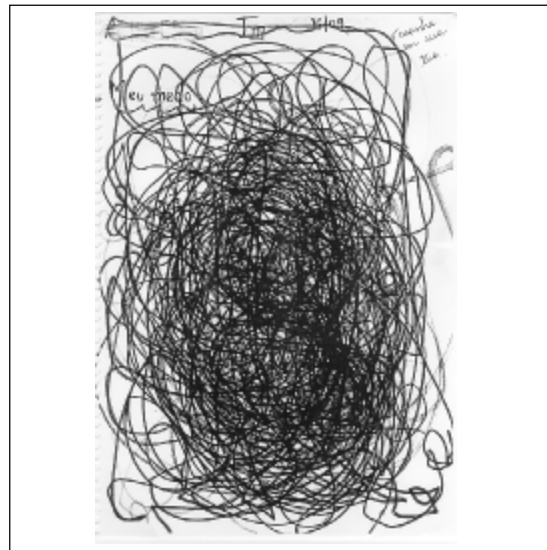
Na posse desses dados, pode-se acreditar num ponto de partida para o estudo sobre medos em crianças, cuja maturação ainda não está definida.

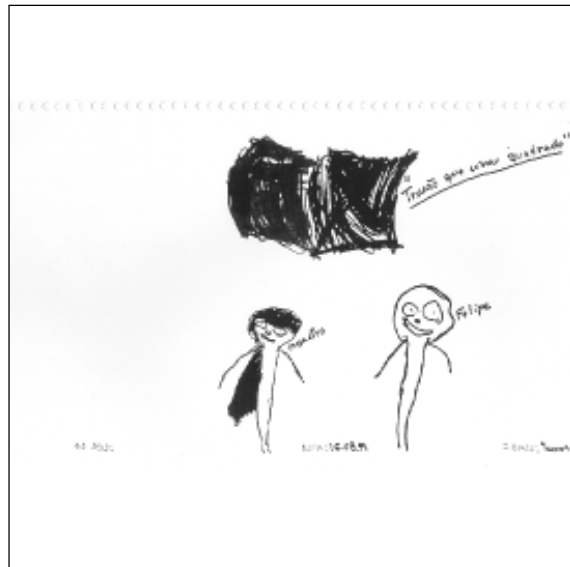
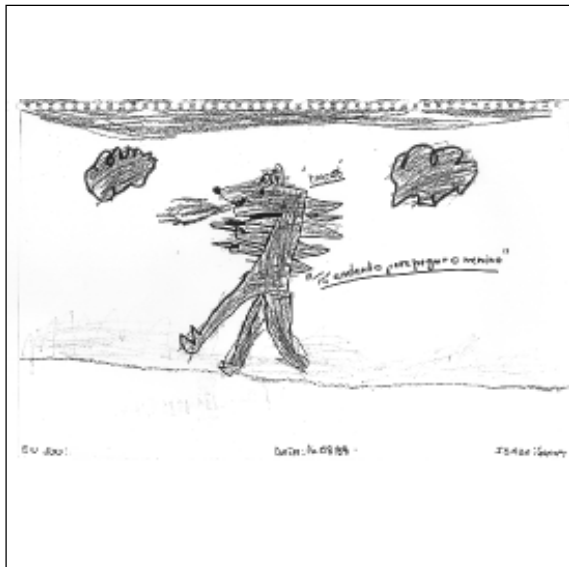
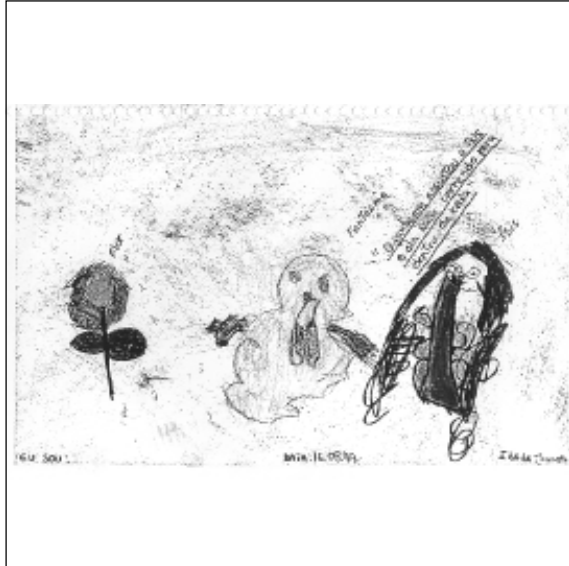
Retomando as idéias iniciais do estudo, fica a valorização da relação de ajuda psicopedagógica, juntamente com um plano de aula, que adquire sentido dentro do processo evolutivo da própria criança. Numa abordagem construtivista, interacionista e associacionista, de modo que haja um entendimento quanto a esse tipo de problema, que certamente existe, e sempre existirá em cada um de nós.

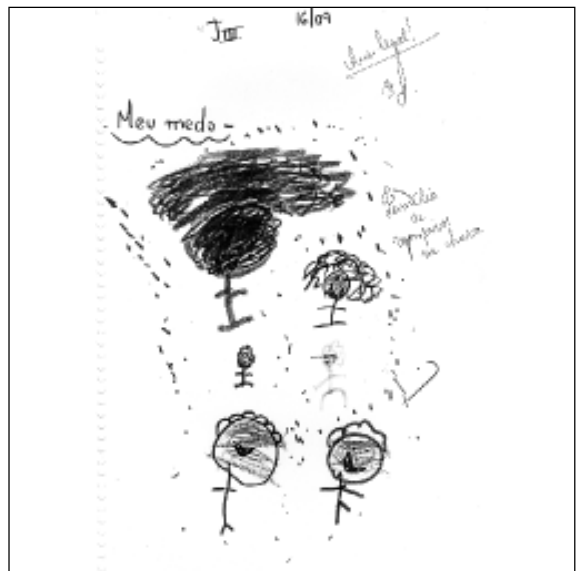
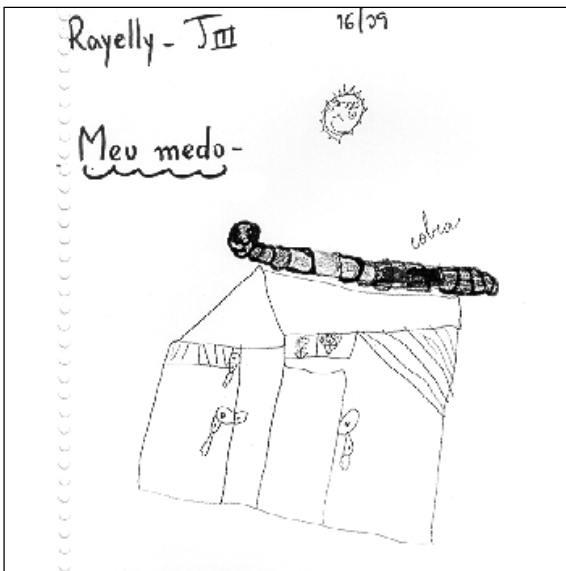
Observação

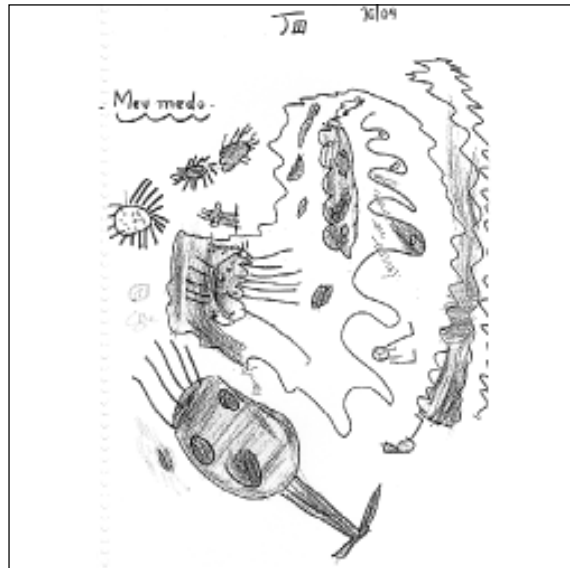
Diante do aprofundamento do estudo sobre “medos infantis”, tornou-se necessária uma complementação em anexo, mais extensa, para que pudesse elucidar todos os aspectos abordados.

Desenhos









medos infantis
 eu tenho medo
 de calor porque
 lá em casa tem
 uma casa que está
 abando nada tem muito
 fei de feitiço e de oranga
 de gaidos muito coisas
 mais lá em casa perto
 do quintal já aparecer
 uma colera mais
 graças a Deus não medar
 mi gam e lá em
 casa eu fico abrando
 os telhado porque eu sinto
 muito medo e já o
 parece no telhado da
 casa mas quando não
 matai porque ela fugir

Cartão mais de infância




nome da escola: Escola Estadual "S. J. Gomes de Souza"
 nome da turma: 1ª série
 nome do aluno: [illegible]
 nome da turma: [illegible]
 data: [illegible] julho de 1999

Eu sou de quem sou e quem sou de quem sou
 Porque sou muito curioso e por isso
 sou muito mais de letra
 e toda noite eu não dormo com
 muito medo de sempre eu não durar
 por medo de ser que não durar
 no dia seguinte por de estomado
 mesmo tenho um tempo que eu não
 pude sustento com um tempo.

Luiz Carlos


nome da escola: Escola Estadual "S. J. Gomes de Souza"
 nome da turma: 1ª série
 nome do aluno: [illegible]
 data: [illegible] julho de 1999

meu nome é [illegible]
 eu sou mais de letra sou que sou a
 canção e de mais uma coisa sou
 gosto muito mais não sou mais
 e eu sou mais que eu não sou
 por que eu não sou e eu não
 para sempre e grande coisa eu sou
 mais mais

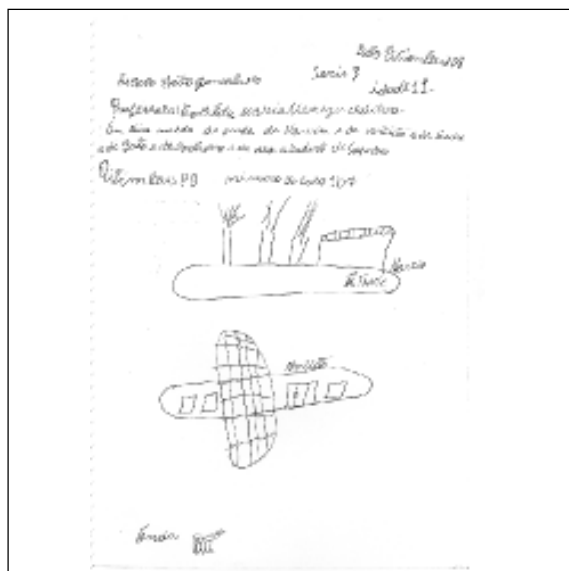
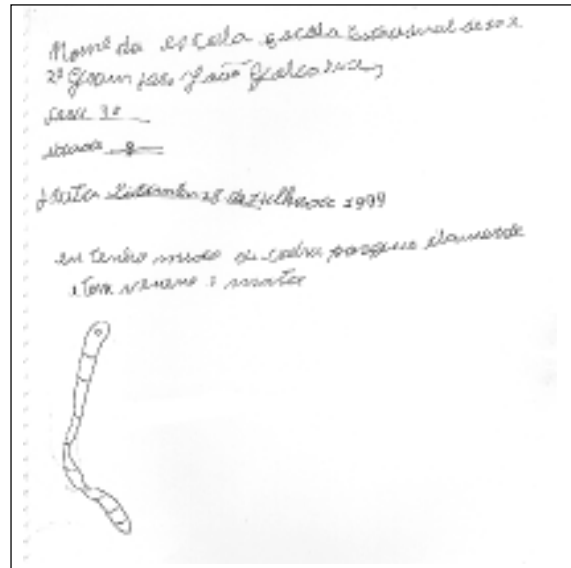
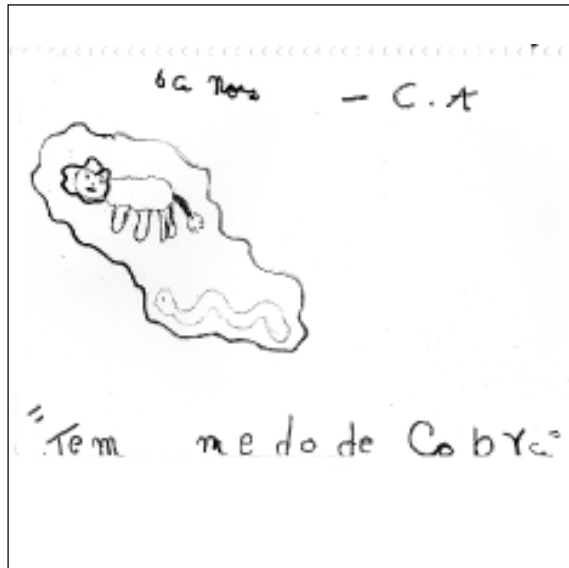


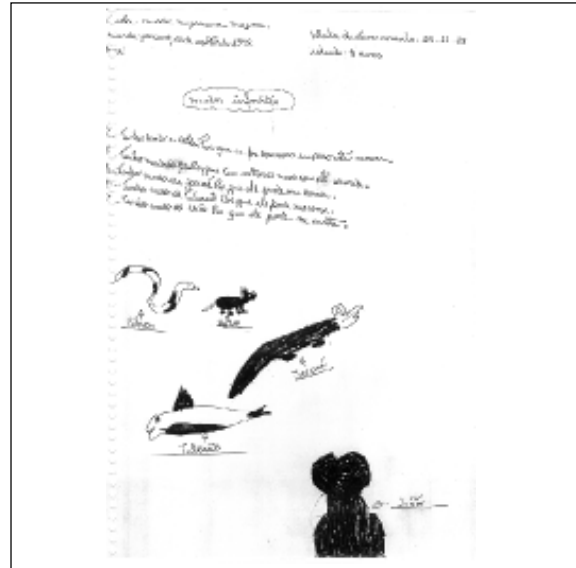
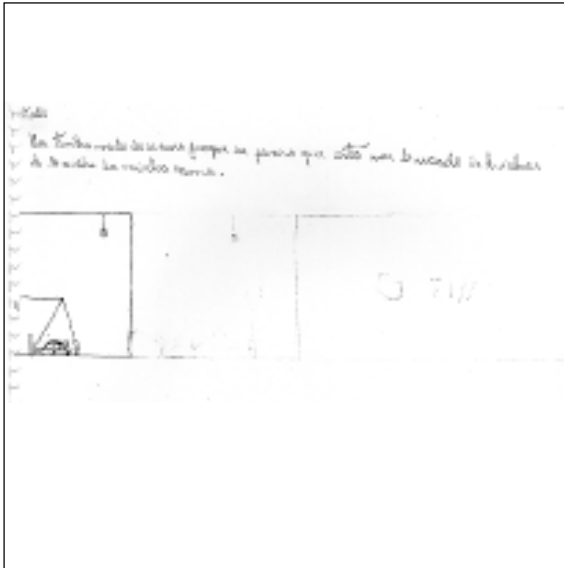
nome da escola: Escola Estadual "S. J. Gomes de Souza"
 nome da turma: 1ª série
 nome do aluno: [illegible]
 nome da turma: [illegible]
 data: [illegible] julho de 1999

Eu sou mais de quem sou e quem sou de quem sou
 sou que eu não sou
 sou de quem sou e quem sou de quem sou
 sou que eu não sou
 sou que eu não sou
 sou que eu não sou



nome da escola: Escola Estadual "S. J. Gomes de Souza"
 nome da turma: 1ª série
 nome do aluno: [illegible]
 nome da turma: [illegible]
 data: [illegible] julho de 1999





Escola Estadual Regeneração Progressiva
 Rio de Janeiro, 24 de agosto de 1994

Prática pedagógica

Eu tenho vontade de fazer um livro de receitas, mas não sei como fazer. Eu quero fazer um livro de receitas para que eu possa ensinar a fazer para as outras crianças. Eu quero fazer um livro de receitas para que eu possa ensinar a fazer para as outras crianças. Eu quero fazer um livro de receitas para que eu possa ensinar a fazer para as outras crianças.

Escola Estadual Regeneração Progressiva
 Rio de Janeiro, 24 de agosto de 1994

Prática pedagógica

Eu tenho vontade de fazer um livro de receitas, mas não sei como fazer. Eu quero fazer um livro de receitas para que eu possa ensinar a fazer para as outras crianças. Eu quero fazer um livro de receitas para que eu possa ensinar a fazer para as outras crianças. Eu quero fazer um livro de receitas para que eu possa ensinar a fazer para as outras crianças.

Escola Estadual Regeneração Progressiva
 Rio de Janeiro, 24 de agosto de 1994

Prática pedagógica

Eu tenho vontade de fazer um livro de receitas, mas não sei como fazer. Eu quero fazer um livro de receitas para que eu possa ensinar a fazer para as outras crianças. Eu quero fazer um livro de receitas para que eu possa ensinar a fazer para as outras crianças. Eu quero fazer um livro de receitas para que eu possa ensinar a fazer para as outras crianças.

Escola Estadual Regeneração Progressiva
 Rio de Janeiro, 24 de agosto de 1994

Prática pedagógica

Eu tenho vontade de fazer um livro de receitas, mas não sei como fazer. Eu quero fazer um livro de receitas para que eu possa ensinar a fazer para as outras crianças. Eu quero fazer um livro de receitas para que eu possa ensinar a fazer para as outras crianças. Eu quero fazer um livro de receitas para que eu possa ensinar a fazer para as outras crianças.

- Como vencer os medos utilizando o texto em sala de aula

As crianças não são as únicas a terem medo. Ruth Rocha, escritora da literatura infantil diz ser a pessoa mais medrosa do mundo.

A autora enfatiza uma última narrativa sobre os medos comuns entre as crianças. Outra vez, sua preocupação é mostrar que todo mundo tem medo de alguma coisa. Se é assim, não há motivo para alguém ter vergonha do próprio medo.

A seguir, foi elaborada uma aula especial, um tanto filosófica, tratando dos “medinhos”, que merecem tanto respeito quanto os “medões”, e dos significados que medo e coragem podem ter, dos pontos de vista ético e social. Dependará, também, de cada um construir outras aulas, fazendo uso da própria criatividade.

• Planejamento de aula:

“Quem tem medo de quê ?”*

Eu vou contar
O que é meu maior segredo.
Há uma coisa no mundo
Que me mete muito medo!

Do trovão? Mas que bobagem!
Que medo mais infantil!
Quando o trovão faz barulho
O raio até já caiu...

Não tenho medo do pai,
Nem da mãe e nem do irmão.
Mas eu tenho muito medo
Do barulho do trovão!

* ROCHA, Ruth. Quem tem medo de quê? Nova Escola; v.14, n. 125, p. 30 - 31, set. 1999.

Medo eu tenho, vou dizer...
De uma coisa muito mixa...
Mas o que é que eu vou fazer?
Eu detesto lagartixa!

Lagartixa? Vejam só!
Isso parece piada..
Nem ligo pra lagartixa!
Acho ela uma coitada!

Sabe do que eu tenho medo?
Que me dói o coração?
Até me arrepia a espinha...
Tenho medo... de injeção!

Do que eu tenho muito medo,
Que me deixa num apuro...
É uma coisa meio besta.
É ter de ficar no escuro...

Do que eu tenho muito medo,
O que me causa pavor,
É de pensar em vampiro.
Vampiro me causa horror!

Vampiro não me dá medo...
Acho que eu nunca senti...
Tenho medo do que existe!
E não do que eu nunca vi.

Piolho é um bichinho à-toa...
Não complica nossa vida.
É coisa que a gente cura
Com sabão a inseticida!

Ah, de injeção eu não gosto,
Mas não fico apavorado,
Existe só uma coisa
Que me deixa até gelado...

Que medo mais bobo o seu!
Não tenho medo de escuro.
É só acender a luz
E pronto! Acaba-se o escuro

Mas existe uma coisinha...
Eu de medo até me encolho!
Eu tenho um medo danado
Mas é de pegar piolho!

Agora, mais perigoso,
Pra mim, até que leão,
Tenho medo é de cachorro,
Cachorrinho ou cachorrão!

De cachorro eu até que gosto,
Na minha casa tem três.
Agora, do que eu tenho medo
Eu vou contar de uma vez.

Avião é uma delícia!
Ando pra baixo a pra cima...
Não tenho medo nenhum,
Desde que era pequenina.

Pelo que eu vejo, pessoal,
Ter medo não é vergonha.
Todo mundo tem um medo,
Que a gente nem mesmo sonha.

Não tenho medo de nada!
Nem de bicho nem ladrão!
Mas apesar de valente
Tenho medo de avião!

Mas peru, pato, galinha,
Galo, grande ou garnisé,
Tudo que é bicho de pena
Me põe de cabelo em pé!

E eu agora vou andando,
Não temo bicho, nem homem!
Mas está chegando a hora
De aparecer lobisomem...

- **Atividade em sala de aula**

- Reunir livros com diversos poemas
- Soltar a imaginação e inventar novas histórias e atividades feitas exclusivamente para as crianças da classe.

- **Procedimento**

a) O medo de cada um:

- Ler para os alunos as quadrinhas “Quem tem medo de quê?”
- Dividir a classe em pequenos grupos, sorteando entre os nomes dos medos citados no poema: trovão, lagartixa, injeção, escuro, vampiro, piolho, cachorro, avião, bicho de pena e lobisomem.

- Se não houver grupos suficientes para todos os medos, sortear mais de um para cada.

- Cada grupo debate sobre o medo que receber no sorteio, tentando “enfiar-se na pele de alguém que tem o mesmo sentimento”.

- A equipe escreve uma mini peça de teatro na qual um dos personagens tem o tal medo e os outros tentam “curá-lo”, usando seus melhores argumentos.

- Os grupos trocam as peças entre si e sorteiam a ordem em que vão representá-las para os colegas (a atividade de representação pode ficar para as próximas aulas).

b) Medo tem tamanho?

Reler para a classe o conto: “Quem tem medo de cachorro?”*

* ROCHA, Ruth. Quem tem medo de cachorro? *Nova Escola*; v. 14, n. 124, p. 30 - 31, ago. 1999.

O lulu da Promerânia
É cachorrinho cuidado...
Toma seu banho de cheiro,
Está sempre penteado...

Mas o Lulu se amedrontra
Quando vê no seu caminho
O *Púdol*, que ele acha enorme...
Porque ele é pequenininho...

O *Púdol*, todo frisado,
Com cachimbo a laçarote,
Usa um lindo casaquinho,
Cheio de biriquitote...

Agora, veja o *Bassê*,
Que é meio desengonçado...
Tem as pernas curtinhas...
Tem um jeitinho engraçado...

O *Cóquer*, de orelha grande,
De pêlo fino a lustroso,
Metete medo nos pequenos,
Se finge de perigoso...

E o *Séter*? De quem tem medo
Com toda a sua elegância?
Com seu ar de cão de raça,
Com toda a sua arrogância?

Veja o Galgo, que valente,
Correndo, todo pimpão!
Parece até que persegue
Algum bandido ou ladrão.

O *Boxer* do alemão
Tem uma cara medonha,
Metete medo em todo mundo
Com a sua carantona...

Já sei! O Policial
Que parece tão nervoso
Também tem medo de alguém
Que parece perigoso.

Quando o *Púdol* vê na esquina
O *Bassê* que mora perto
Sai correndo, bem depressa,
Fica logo muito esperto!

O *Bassê* foge depressa,
Se enxerga o *Cóquer* da esquina.
Fica todo encolhidinho...
Bem por trás da cortina.

Mas se o *Séter* aparece,
Fingindo que nem repara,
Vai saindo, vai saindo,
E quando pode, ó, dispara!

O *Séter* morre de medo
Do Galgo, que corre bem,
Que tem ares de fidalgo,
E que é grã-fino, também.

Que nada! Ele está correndo
Do *Boxer* do alemão...
Pois ele é muito medroso...
Tem medo daquele cão...

Mas sai ganindo baixinho
Quando perto dele passa
O policial do vizinho
Que também é cão de raça...

É claro! Maior que ele
É o Dinamarquês. Eu juro,
Quando o grandão aparece
Ele até sobe no muro!

O Dinamarquês é grande!
É forte, é muito valente!
Não tem medo de cachorro
E muito menos de gente!

Só o *Dóberman* não teme!
Nenhum é bravo como ele
Mas o que é isso?
Ele treme vendo o Lulu perto dele!

Mas o susto que ele leva,
Vendo o *Doberman* por perto...
É que o *Doberman* é feroz,
Agressivo e muito esperto!

É que o Lulu é pequeno,
Mas lhe dá um calafrio...
Pois ele tem muito medo...
Que o Lulu tem nariz frio...

- Começar debatendo com meninos e meninas sobre o medo que o *Dóberman* tem do Lulu. Parece engraçado tamanho bichão assustador derreter-se diante de um punhadinho de pelos com nariz gelado!

- Argumentar então que nossos medos às vezes são irracionais e misteriosos.

- Contar como há pessoas que têm horror de besouro, de barata, de sapo, de gato etc.

- Abordar que qualquer um entra em pânico quando vê uma galinha ou outro bicho de pena, mesmo um pequenino beija-flor.

- Respeitar a todos, pois o tamanho do medo está dentro e não fora da pessoa.

- Convidar as crianças da classe que têm receio de alguma coisa ou bicho pequeno e falar de seu próprio “medinho”, contando depois quando foi a última vez que se amedrontou.

- Pedir a cada um para escrever uma descrição detalhada e ilustrada dessa situação.

• O que sentiu quando o bicho (ou seja lá o que for) apareceu?

• Como era ele?

• O que a criança fez?

- Usar os trabalhos para montar com a turma um “mural do Medo Pequeno”.

c) Medo de não agradar.

Às vezes, alunos ou alunas que vão bem em trabalhos escritos individuais ficam em pânico quando precisam fazer algum relato oral. Pode ser que essas crianças tenham problemas de auto-estima, temendo não serem aceitas por você e/ou pelos colegas. Nesses casos, não force a criança a ficar em evidência. Em vez disso, faça-a participar de atividades em grupos cada vez menores, até chegar a uma equipe de dois alunos - ela e outro. Nesse ponto, passe a atividades individuais que exijam pouca exposição da criança. Responder “sim” ou “não” a uma questão, por exemplo. Assim que a sentir segura para fazer isso, vá aumentando aos poucos o grau de exposição: dizer uma pequena frase durante uma representação, por exemplo, pode ser o próprio passo. Vá assim, sem fazer muita pressão, sempre encorajando o aluno com frases afetuosas. A medida que perceber sua aceitação e a dos colegas, ele irá se soltando.

d) Coragem para vencer o medo.

- Lançar questões: O que é coragem? Só é corajosa a pessoa que parece não sentir medo de nada? Ou também aquela que vence o medo e faz o que tem a fazer? Quem tem mais coragem: quem luta com alguém fisicamente mais forte ou quem defende alguém mais fraco? Tem mais valor a coragem de quem defende seus próprios interesses ou a de quem luta pelos direitos de um grupo mais pobre ou mais fraco?

Propor aos alunos formar grupos para pesquisar em jornais e revistas notícias sobre experiências, gestos que eles consideram corajosos, não só de pessoas isoladas, mas de grupos que resistem a determinado tipo de opres-

são, trabalham na defesa de uma comunidade, de um bairro a assim por diante. Convide o pessoal a usar as notícias coletadas para montar um jornal mural com o seguinte título: “**Quem Tem Medo, Mas Faz**”. ◆